

FILOSOFANDO NA QUITANDA DO MARIO¹

Rosana Aparecida Fernandes Sardi
Universidade Federal de Pelotas
rosana.fernandes.sardi@uol.com.br

Resumo: O que fazer com as perguntas que as crianças fazem? Respondê-las? Fazê-las proliferar através de conversações filosóficas? Como, porém, sair das conversações em grupo para experimentar outros processos do pensar? Seria o caso de conduzir as crianças a um pouco de solidão, ao invés de promover apenas falas e mais falas? Quem sabe as falas em demasia acabem por impedir o pensamento, ao invés de promovê-lo, dado que por muitas vezes segue-se opinando, objetando, sem pausas, sem interrupções, sem o silêncio que invoca algo novo, algo que, enfim, valha a pena ser dito... Como, portanto, propiciar, em uma experiência filosófica, momentos distintos ao da conversação, incentivando diferentes possibilidades de expressão do pensamento? Será que a própria conversação pode desencadear momentos de solidão? E por que se juntar com outros para filosofar? O que isso quer dizer? E o com é, aqui, de bastante relevância, pois indica encontro, aliança ativa, construção conjunta de um problema de fundo comum. Afinal, só faz sentido entrar em uma conversação com outros se for para deter-se na formulação de um problema que aproxima, afeta e move os envolvidos na conversação. Essas são algumas das questões que permeiam a experiência relatada nesse texto. Não só essas, mas também outras que conduziram a própria experiência do filosofar aos espaços não escolares. Lembrando, inclusive, a prática de Sócrates, que filosofava nas ruas, nas praças, fazendo perguntas e questionamentos que tiravam os passantes do caminho percorrido para propor outros caminhos possíveis. E foi assim, entre leituras de livros de literatura, jogos, leituras de Platão, anéis que passam de mãos em mãos, e tantas outras propostas, que algumas crianças e duas oficineiras se juntaram na Casa de Cultura Mario Quintana para fazer filosofia aos sábados. A República de Platão (Platão, 1996) foi recebida com afã e entusiasmo pelas crianças, e Augusto não cansava de repetir: “Nossa! Esse livro é do Platão mesmo? Eu já ouvi tantas vezes falarem desse tal de Platão. Ele é um cara bastante famoso”. Não só Platão, mas a Ula (Sardi, 2007), o jogo Imagem Ação, livros de literatura infantil, Beethoven, Adriana Calcanhoto, e tantos outros textos escritos e não escritos deram o que pensar e suscitaram conversações filosóficas naquelas tardes, conversações permeadas por longos silêncios, e muitas pausas. E por que a Casa de Cultura Mario Quintana foi o espaço escolhido? Talvez por seu caráter despojado, onde tribos de todos os tipos circulam e perambulam por seus andares e escadas. Talvez porque a experiência do filosofar requeria, naquele momento, um lugar com um quê de despropósito, diferente dos espaços escolares, no qual é “o professor quem ‘dá’ os problemas, cabendo ao estudante a tarefa de

¹ *Filosofando na Quitanda do Mario* são oficinas de Filosofia com Crianças oferecidas na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, para crianças da comunidade. Participaram dos encontros Mariana (11 anos), Alice (9 anos), Augusto (11 anos), e as oficineiras Rosana e Luciana. Em um dos encontros foram convidados o professor Sérgio Sardi, filósofo e autor da Ula (2007), e o artista plástico e ilustrador da Ula (2007) Jorge Herrmann.

descobrir-lhes a solução. Desse modo, somos mantidos numa espécie de escravidão. A verdadeira liberdade está em um poder de decisão, de constituição dos próprios problemas” (Deleuze, 1999, p. 9). O que se pretendia fazer funcionar em tais encontros? Em primeiro lugar, vale esclarecer que não se tinha certeza dos passos que seriam dados, tinha-se, sim, pistas, sabia-se que não era um diálogo, nem uma discussão o movimento que se buscava fazer funcionar ali. As oficineiras também não tinham nada a comunicar, apenas tinham certa disposição em estar junto, ler, vivenciar, e experimentar junto com as crianças possíveis desencadeadores do pensar. E por que não se almejava um diálogo, ou uma discussão? Porque esses são processos que não ajudam a avançar na construção de um problema, representam, sim, muita perda de tempo na colocação de problemas indeterminados.

Palavras-chave: crianças, filosofia, experimentação

Os carros fazem muitas curvas para subir a serra.
Crianças gostam de fazer perguntas sobre tudo.
Nem todas as respostas cabem num adulto.
Arnaldo Antunes, *As coisas*

O que fazer com as perguntas que as crianças fazem? Respondê-las? Fazê-las proliferar através de conversações filosóficas? Como, porém, sair das conversações em grupo para experimentar outros processos do pensar? Seria o caso de conduzir as crianças a um pouco de solidão, ao invés de promover apenas falas e mais falas? Quem sabe as falas em demasia acabem por impedir o pensamento, ao invés de promovê-lo, dado que por muitas vezes segue-se opinando, objetando, sem pausas, sem interrupções, sem o silêncio que invoca algo novo, algo que, enfim, valha a pena ser dito... Como, portanto, propiciar, em uma experimentação filosófica, momentos distintos ao da conversação, incentivando diferentes possibilidades de expressão do pensamento? Será que a própria conversação pode desencadear momentos de solidão? E por que se juntar *com* outros para filosofar? O que isso quer dizer? E o *com* é, aqui, de bastante relevância, pois indica encontro, aliança ativa, construção conjunta de um problema de fundo comum. Afinal, só faz sentido entrar em uma conversação *com* outros se for para deter-se na formulação de um problema que aproxima, afeta e move os envolvidos na conversação.

Essas são algumas das questões que permeiam a experimentação relatada nesse texto. Não só essas, mas também outras que conduziram o exercício do filosofar aos

espaços não escolares. E foi assim que entre leituras de livros de literatura, jogos, leituras de Platão, anéis que passam de mãos em mãos, e tantas outras propostas, que algumas crianças e duas oficineiras se juntaram na Casa de Cultura Mario Quintana para fazer filosofia aos sábados. A República de Platão (Platão, 1996) foi recebida com afã e entusiasmo pelas crianças, e Augusto não cansava de repetir: “Nossa! Esse livro é do Platão mesmo? Eu já ouvi tantas vezes falarem desse tal de Platão. Ele é um cara bastante famoso”. Não só Platão, mas a Ula (Sardi, 2007), o jogo Imagem Ação, livros de literatura infantil, Beethoven, Adriana Calcanhoto, e tantos outros textos escritos e não escritos deram o que pensar e suscitaron conversações filosóficas naquelas tardes.

E por que a Casa de Cultura Mario Quintana foi o espaço escolhido? Talvez por seu caráter despojado, onde tribos de todos os tipos circulam e perambulam por seus andares e escadas. Talvez porque o exercício do filosofar requeria, naquele momento, um lugar com um quê de despropósito, diferente dos espaços escolares, no qual é

[...]o professor quem ‘dá’ os problemas, cabendo ao estudante a tarefa de descobrir-lhes a solução. Desse modo, somos mantidos numa espécie de escravidão. A verdadeira liberdade está em um poder de decisão, de constituição dos próprios problemas: esse poder, ‘semidivino’, implica tanto o esvaecimento de falsos problemas quanto o surgimento criador de verdadeiros. (Deleuze, 1999, p. 9).

Sábados à tarde. Crianças e duas oficineiras reunidas para filosofar. O que pode sair dessa junção? O que estaria acontecendo ali? Que encontro é esse? E o que se entende por filosofar nesse espaço? A cada encontro uma conversa, uma leitura, jogos, provocações, e tantas coisas mais. Aos poucos surgiu a vontade de convidar outros para estarem juntos, um filósofo formado, Sérgio Sardi, autor da Ula (2007), um artista plástico, Jorge Herrmann, pintor e desenhista da Ula (2007), e quem mais lidasse com o pensar, e a criação. Mariana trouxe seu caderno de estudos, e de perguntas, cheio de inquietações e começou a lançar perguntas inquietas, que jamais se ajeitam no papel. O que parecia é que as perguntas queriam ser lançadas, e pouco importa se iriam convir a alguém. As perguntas já teriam feito sua parte.

As cadeiras inquietas. As idéias sem pouso. E era possível ouvir:

— Mas como as idéias vêm? Vêm ou são construídas? Ou será que somos nós que construímos as idéias? Eis que Mariana indica a origem de seus suspiros.

E o pintor insinua:

— O desenho saiu da mão? Ou já estava no papel? Como é que é isso? Tenho impressão que é um pouco a Ula e um pouco eu também.

Na sala tudo se movimentava. Nos olhos era possível ver a dúvida estalando. Augusto batendo a caneta no caderno. Alice repleta de imagens. Rosana e Luciana imersas. Mariana ainda pulsava acelerado. Jorge já não cabia na cadeira. E ainda era o desenho, a criação, que instigava, fazia pensar...

— De onde vem? De onde vem a idéia?.

— Augusto desenha?

— Desenho. Mas só desenho abstrato.

E Jorge pergunta de onde vem a idéia para desenhar o abstrato.

— Não vem, sai da cabeça, insiste Augusto.

E, neste instante, o silêncio que estava dentro de cada um se esparrama, contamina todo arredor, cala, faz calar, impede que se siga falando, falando, sem que se questione, sem que se interrompa a propagação da palavra fácil demais, do dizer mecânico. E o silêncio inunda. Mariana percebe e intervém:

— Às vezes eu desenho pensando numa coisa e quando vejo é outra.

E será que o pensar, e o próprio processo de criação, não são mesmo assim como Augusto está propondo, involuntário? Já que pensar não é exatamente saber, ou buscar o saber. Mais até: pensar não condiz com o saber que já se sabe, com o saber estabelecido, e, por isso, já pensado. Algo acontece, um encontro se sucede e força a pensar. Pensar não é uma questão de inspiração, não depende de um momento em que se recebe um impulso criativo, e a partir daí algo se faz. Antes, trata-se, sim, do involuntário, do imprevisível, do não planejado. Inspiração é algo que isenta de trabalho, de criação. Ela é divina, é algo que vem de um transcendente qualquer que impõe o que deve ser criado, dito, escrito, pensado. Mas pensar não tem a ver com isso, pensar é criar. E, no caso da filosofia, é criar conceitos, e traçar campos problemáticos. Nem atividade voluntária, nem inspiração divina. Apenas uma longa experimentação, um colocar-se à espreita, aberto aos encontros que talvez obriguem a pensar.

Pensar é ser desalojado, é desalojar. Pôr-se a trilhar um caminho e junto levar blocos de notas, lápis e borracha. No caminho, encontram-se muitas coisas, é preciso ter tempo e atenção para anotá-las. E as idéias publicam-se, vão trilhando lugares estrangeiros, experimentando outros passos, saindo do lugar-comum. São como lembranças de algo que não se viu, lembranças puras (Bergson, 1999), de lugares não memorizados, de olhares não vistos, lembranças que não estão presentes nem em nós nem nas coisas, mas no encontro. Há várias maneiras de acontecer um encontro, um encontro pode ser compreendido como a interação, o contato que se dá entre um e outro. É uma provocação da experimentação, como algo toca, como se recebe aquilo com que você entrou em contato. É estabelecer contatos. Pensar é agenciar-se, é conjugar as próprias forças com as forças que se passam na vida e no mundo. E isso se dá através de experimentações diversas: uma conversação, uma ida a uma exposição, um passeio à livraria, uma ida ao bar, tardes na Casa de Cultura Mario Quintana com o grupo de filosofia, e tantas outras.

O que se pretendia fazer funcionar em tais encontros? Em primeiro lugar, vale esclarecer que não se tinha certeza dos passos que seriam dados, tinha-se, sim, pistas, sabia-se que não era um diálogo, nem uma discussão o movimento que se buscava fazer funcionar. As oficineiras também não tinham nada a comunicar, apenas tinham certa disposição em estar junto, ler, vivenciar, e experimentar junto *com* as crianças possíveis desencadeadores do pensar. E por que não se almejava um diálogo, ou uma discussão? Porque esses são processos que não ajudam a avançar na construção de um problema, representam, sim, muita perda de tempo na colocação de problemas indeterminados. Além de que são processos que subtendem interlocutores que não falam da mesma coisa, e somente apresentam suas opiniões, reconhecem ou autenticam consensos. Diz-se isso seguindo os rastros de Deleuze e Guattari (1992), que afirmam que as discussões estão ligadas ao consenso, à doxa, à reprodução e não à criação de problemas e conceitos, pois ficam no âmbito das idéias feitas e dos clichês, e não têm nada a ver com a atividade inusitada do pensamento. Em vez de se lançarem em discussões, as crianças e as oficineiras mencionadas entravam em relações de contraponto, de devires e afetos e efetuavam um construcionismo que desabilita toda discussão.

Buscava-se, portanto, erigir os problemas que faziam sentido, e construir conceitos que respondessem aos problemas levantados. Tratava-se de um construcionismo, não de uma reflexão. O exercício do filosofar não reflete *sobre* algo, mas constrói conceitos, é ativo, é construcionista. Bem como não entra em uma batalha de opiniões postas em diálogos e

discussões. Se há uma fala é porque há uma conversação. E as conversações não são batalhas empreendidas contra outros, com o objetivo de verificar os melhores argumentos, os melhores exemplos, os melhores posicionamentos. Nada disso. As conversações se aproximam das guerrilhas que constantemente cada um trava consigo mesmo, levando cada qual a estar *com* outros, ouvir, silenciar junto, esforçar-se por expressar o que se passa no pensamento e que talvez faça algum sentido. As conversações são feitas de pausas e longos silêncios, pois o pensar não é retilíneo, limpo, claro, sonoro. O pensar é obscuro e cheio de obscuridades. O inusitado do pensamento não acontece sem silêncio, sem que a palavra falte, e a língua gagueje.

Em um diálogo, ou em uma discussão não há tempo para o suspiro, para a suspensão, o tropeço de quem não sabe o que dizer, de quem está pensando, ouvindo, construindo algo, ou desconstruindo. “As conversações são outra coisa. É preciso certamente entrar em conversações. Mas a menor conversação é um exercício esquizofrênico que se passa entre indivíduos que têm um fundo comum, e um grande gosto por elipses e atalhos” (Deleuze; Guattari, 2004, p. 30). Todavia, é preciso perguntar o que é precisamente uma conversação? Um encontro entre pessoas, idéias, e problemas que conjugam suas forças, e se metamorfoseiam? E por que o gosto por elipses e atalhos? Como, pois, afirmar que é possível ter um problema de fundo comum? A conversação desdobra um problema, e através dela as falas se interligam, e uma intervenção impulsiona a outra, rever colocações, se faz, desfaz, suspende e é suspensa. A conversação convoca novas estradas, ruelas, becos, que vão sendo incorporados ao problema, redimensionando-o. É nesse sentido que talvez o movimento do pensamento das crianças e das oficineiras em questão configuram uma conversação. Na conversação abaixo, por exemplo, havia um esforço conjunto em tecer um problema, e cada um mostrava-se atento ao movimento do outro, dispondendo-se a acompanhar o pensamento ensaiado, e ensaiar-se junto.

Augusto: O contrário existe em todo lugar. Tipo, você sempre vai ter duas opções, uma boa e uma má, isto não é verdade, ou é?

Sérgio: O branco e o preto?

Augusto: É.

Sérgio: Qual é o contrário do amarelo? Todas coisas tem contrário? Será que existe só um contrário para cada coisa? Será que alguma coisa pode ter dois contrários?

Augusto: Será? Mas você diz... O amarelo é o contrário de um monte de cores, o azul do vermelho, você está querendo dizer isso?

Sérgio: Pode ser que não seja nenhum. Pode ser que o contrário seja um jeito de a gente ver as coisas, não que elas sejam assim mesmo.

Augusto: É, existe esta possibilidade, né? Mas, na minha teoria é que tudo tem contrário, tipo aquele diagrama: do yin e do yang.

Sérgio: E esses contrários se ligam?

Augusto: Sem contrário é a mesma coisa que sem nada.

Sérgio: Como assim?

Jorge: Sem contrário é a mesma coisa que sem nada.

Rosana: Sem contrário é o mesmo que sem nada.

Sérgio: Não entendi.

Augusto: Sem o contrário não existe nada que não tenha contrário.

Sérgio: Contrário seria a condição das coisas existirem?

Rosana: É que seria tudo igual. Seria uma coisa só.

Sérgio: Como é que os contrários se ligam entre si?

Augusto: Se ligam. Eu acho que eu tenho uma resposta... Sabe aquele ponto que fica no diagrama do yin e do yang? Tem um ponto preto no branco, e um ponto branco no preto. É... Por exemplo, eu posso escolher estudar e passar bem na prova, estudar que é chato e ir bem na prova, que pode ser muito bom para os meus estudos.

Sérgio: E uma coisa contém o seu contrário? Dentro da pergunta tem o seu contrário?

Rosana: Augusto, lê a sua pergunta da semana passada, eu acho que ela fala sobre isso também. Ele tem uma pergunta que eu acho que vai ajudar a gente a pensar. Lê para a gente, por favor.

Augusto: Porque fazer é fácil e o desfazer é difícil? Porque tudo que é bom tem mal e tudo que é mal tem bom?

Augusto: Sem contrário é a mesma coisa que sem nada.

Sérgio: Como assim?

Jorge: Sem contrário é a mesma coisa que sem nada.

Rosana: Sem contrário é o mesmo que sem nada.

Sérgio: Não entendi.

Augusto: Sem o contrário não existe nada que não tenha contrário.

Quando Augusto propõe pensar que “sem contrário é a mesma coisa que sem nada”, ele acaba por arrastar todos para uma problemática que precisava ser repetida na voz de cada um. E se todos pareciam ter a necessidade de repetir a frase ao seu modo, variando-a,

ainda que minimamente, é porque era importante compreender o que estava sendo dito, assim como tornar o dito em um problema de fundo comum. Mas, de modo algum, onde houver o ato da partilha se tem “dois amigos que se exercem em pensar” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 92-93), sempre “é o pensamento mesmo que exige esta partilha de pensamentos entre amigos” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 92-93) e “exige que o pensador seja um amigo, para que o pensamento seja partilhado em si mesmo e possa se exercer” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 92-93).

Então, é neste ambiente de amizade, onde não se via apenas crianças, oficineiras e convidados, que o pensamento exercia o movimento da partilha. E o tropeço fazia parte do que parecia estar se compondo, do problema que se fazia, e perpassava através de um andar que não era retilíneo, nem pré-traçado, sem objetivo marcado de chegada. O que acontecia era o exercitar em comum das palavras, das idéias, e dos conceitos que se relacionam uns com os outros, sempre ativos. O movimento dos conceitos pressupõe a criação, e para que aconteça a criação de algo, de uma idéia, é necessário que haja um problema que incite o pensar, que arranke o pensamento da letargia do consenso.

Letras. Palavras. Frases. Textos. Traços. Figuras. Signos. Provocações que punctionam a criação. Incitam a experimentação do pensamento. As idéias para escrever um texto de filosofia, um romance, uma peça de teatro, fazer alguns rabiscos no papel, estabelecer uma conversação criativa, inventiva, e traçar campos problemáticos são efeitos de um encontro, são combinações entre o mundo e um corpo, são arrebatamentos. As idéias não acontecem sem que o corpo não-pensante experimente, a cada vez, os próprios limites, e aprenda continuamente aquilo de que é capaz. “Pensar é aprender o que pode um corpo não-pensante, sua capacidade, suas atitudes ou posturas” (Deleuze, 1990, p. 227). Uma experimentação filosófica comporta a noção de começo, de origem, de inauguração, de estar inaugurando constantemente. Começar é ver com diferença e com estranhamento o momento que se inicia e que se rompe. Nesse sentido, a Filosofia é tratada, nessas oficinas, como prática contínua de questionamento. Propondo um pensar filosófico que se instaura, sobretudo, enquanto atitude filosófica. Um pensar se dá através de experimentações, se faz como uma viagem, uma travessia, e está sempre a caminho, bem como o corpo não-pensante que também está sempre de passagem ou no território de passagem.

Em outras palavras, *Filosofando na Quitanda do Mario* queria tão somente levar o pensamento para passear, fazer-se uma experimentação de vida que leva o pensamento para passear. “Unidade complexa: um passo para a vida, um passo para o pensamento. Os modos de vida inspiram maneiras de pensar. Os modos de pensar criam maneiras de viver” (Deleuze, 1994, p. 17-18). Deleuze vislumbrou um ensino da filosofia que não fosse abstrato e que se envolvesse na criação de problemas filosóficos. Sobre isso, disse:

É por isso que tanto me entristece quando vejo ensinarem aos jovens, mesmo no nível de vestibular, uma filosofia tão abstrata sem tentar fazer com que participem de problemas, que são fantásticos e muito interessantes, (Deleuze, 2001, letra “k” de Kant)

que estão atrelados à vida e por isso mesmo não são abstratos.

E era nessa perspectiva que as crianças seguiam numa espécie de experimentação tateante para constituírem os conceitos de que necessitavam para responder aos problemas que elas colocavam. Para tanto, elas não compactuaram com as opiniões corriqueiras, feriram e transbordaram as opiniões e os saberes solidificados. Por certo, ali, partilhas foram efetuadas e um pensamento se fez exercer. Se uma criança emitia signos, outras, sensíveis a eles, os recebiam. Assim, elas se afetavam, desconfiavam e enfrentavam uma o pensamento da outra, encarnando uma amizade que se faz condição para pensar.

Deleuze, juntamente com Guattari, afirmou que “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (1992, p. 10), os quais devem ser formulados “entre amigos” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 10). O que temos abaixo é, justamente, amigos atuando sobre alguns conceitos, tais como justiça, vingança, injustiça. Contra-efetuando-os, desvencilhando-os da tirania dos saberes já firmados acerca destes conceitos, e, sobretudo impingindo-lhes novas existências.

Sérgio: Será que vingança é a mesma coisa que justiça?

Augusto: Talvez seja.

Alice: Eu acho que não, porque está fazendo o mal para aquela pessoa.

Sérgio: Você acha que está fazendo o mal para aquela pessoa, para ela pagar o mal que ela fez, e daí você acha que isso adianta?

Alice: Acho que não.

Rosana: Por quê?

Alice: Porque se já aconteceu não tem que fazer nada.

Sérgio: A vingança é como se fosse uma injustiça, para curar outra injustiça?

Mariana: É a mesma coisa. Se uma pessoa está sendo vingativa, eu não sei se ela está sendo justa. Ela não quer melhorar essa injustiça, ela vai estar fazendo o mal para outra pessoa, mas sendo justa para ela mesma. Por exemplo, uma pessoa faz mal para natureza, outra pessoa pode se vingar dela fazendo mal para ela, sobre o erro que ela cometeu, do mal que ela fez.

Sérgio: Será que quando alguém faz mal pra gente isto faz a gente aprender? Será que a gente aprende quando alguém nos castiga?

Rosana: Às vezes.

Mariana: Eu acho que sim.

Augusto: Eu acho que não, porque normalmente a pessoa pode estar sentindo tanta raiva que pode até piorar a situação, pode até parar na cadeia porque matou uma pessoa e ficar trinta e poucos anos lá. Depois, quando ela sair da prisão, você acha que ela não vai estar com raiva dos caras que fizeram ela ir para cadeia? Eu acho que ficaria com sentimento de vingança porque os caras me prenderam.

Sérgio: E ao invés de você aprender você desaprendeu mais ainda? E a Mariana, o que acha disso?

Mariana: Eu concordo com ele um pouco, mas tem uma coisa, aconteceu uma coisa de verdade que eu aprendi muito com essa pessoa. Tinha um guri que ficava pegando no meu pé, ficava falando mal nas minhas costas. E hoje eu aprendi a resistir com isso. Eu não quero me vingar dele, eu aprendi muito com o que ele me fez, eu aprendi a não ligar para isso, entende?

Rosana: Você ficou mais resistente?

Mariana: É, fiquei mais resistente.

Rosana: Então ele te fez um mal que te ajudou a lidar melhor com algumas coisas?

Mariana: Åham...

Augusto: Eu também tento essa técnica, só que ela não adianta muito... Às vezes o teu coração está num campo de força, aqueles negócios são como um bando de flechas e elas chegam no campo de força. Não chegam no teu coração, mas depois de um tempo as flechas podem quebrar o campo de força, e te acertar e machucar. É por isso que eu não confio muito nessa técnica de resistência, às vezes a resistência se quebra e acaba dando um golpe maior ainda.

Sérgio: Quando se quebra também não pode ser a hora de aprender mais alguma coisa?

Rosana: Mas pode doer muito.

Augusto: Sabe, eu prefiro morrer que aturar essa dor... Pense na dor de cortar o dedo, é uma dor cem vezes menor do que a dor do coração, que é como se fosse uma pancada, pior do que morrer, é pior do que a morte.

Rosana: Uma dor de coração, qual é?

Mariana: Tem razão, a dor que eu senti foi bem maior do que do corte que eu fiz aqui.

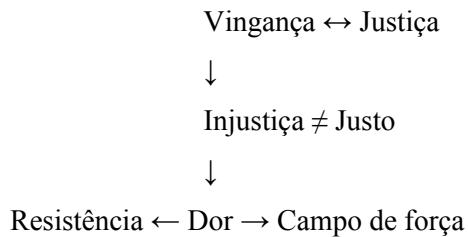
Sérgio: Mas você disse, Mariana, que a gente pode fazer alguma coisa dentro da gente que nos ajuda a curar. Tipo conseguir criar um campo de força no coração, e o Augusto disse que esse “criar um campo de força no coração” não resolve, porque as flechas passam.

Augusto: Algumas flechas passam.

Sérgio: Algumas flechas passam, não todas. Olha o que a Mariana falou, você tem razão, porque passam algumas, mas pelo menos as outras não passam.

Augusto: Mas é bem melhor você lutar com aquilo com a mesma força. Dá um alívio ver aquela pessoa que mereceu o que recebeu.

Os conceitos se interligam e formam uma rede de conceitos importante para a construção do campo problemático. Na conversação exposta acima, os conceitos de vingança e justiça iam, aos poucos, sendo diferenciados, e uma rede de questões e possíveis respostas foi elaborada. Veja:



E o que quer essa rede? Ela quer mapear, orientar, auxiliar a composição do problema que perpassa a conversação. O problema não está posto de antemão, ele precisa ser colocado. As crianças se puseram a pensar sob a urgência de um problema acionado por elas, o qual se edificava pleno de sentido, desde que suscitava nelas o pensar, embrenhava-se num mundo vivido por elas e se fazia absolutamente concreto. O mapeamento ajuda que os conceitos elaborados sejam retomados e que os participantes notem a relação entre eles. E, com isso, avancem na construção do problema, lançando questionamentos e construindo uma rede com conceitos que vão emergindo das conversações. Uma rede de conceitos

orienta as falas das crianças e, ao mesmo tempo, dá lugar às novas idéias que vão surgindo no decorrer da conversação. E é no desenrolar desse processo que os conceitos se fazem cada vez mais necessários, são construídos, vocalizados, e se modificam junto com os problemas. Aos poucos os conceitos, assim como os desenhos, vão tomando consistência em um intenso processo de criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CORAZZA, Sandra Mara. Notas de aula. In: *Seminário: Para educar as crianças de Deleuze: idéias problemáticas, pedagogia da besteira, currículo de guerra*. Porto Alegre: [s. n.], 2002a.

FOGEL, Gilvan. Por que não teoria do conhecimento? Conhecer é criar. In: *Cadernos Nietzsche*, nº13. São Paulo: GEN/USP, 2002.

KOHAN, Walter Omar. *Infância. Entre Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. (TRANS.)

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Tradução de Luiz Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *O ato de criação*. Tradução de José Marcos Macedo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais, p. 4.

_____. *A imagem-tempo*. Cinema 2. Tradução de Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

_____. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1994.